

Zé Trindade antes da fama: nos tempos da Rádio Sociedade da Bahia (1935-1945)

Júlio César Lobo¹

Resumo: Esse artigo é uma breve memória da passagem do ator, poeta e compositor Zé Trindade pela Rádio Sociedade da Bahia, PRA-4, onde começou a sua carreira artística no anos de 1935, trabalhando em radioteatro e programas humorísticos. Uma parte do seu sucesso local inicial estava no tipo Milton Sua Mãe, de uma dupla caipira, no programa *Você precisa?* Em outubro de 1945, estimulado pelo sucesso do seu amigo Dorival Caymmi, Trindade segue para o Rio de Janeiro, para uma sonhada carreira de compositor, mas acaba voltando a ser comediante, inicialmente na Rádio Clube do Brasil, e na Mayrink Veiga, onde esteve desde 1946 até o seu fechamento pela ditadura militar em 1965. Além disso, acabou se tornando um dos maiores comediantes da chanchada carioca.

Palavras-chave: Zé Trindade, 1915-1990; Rádio Sociedade da Bahia; Comunicação regional

Zé Trindade antes de la fama: en los tiempos de la Rádio Sociedade da Bahia (1935-1945)

Resumen: Este artículo es una breve memoria del actor, poeta y compositor Zé Trindade en la Radio Sociedad Radio da Bahia, PRA-4, donde comenzó su carrera artística en el año 1935, los programas de comedia de radioteatro y de trabajo. Una parte de su éxito fue la ubicación inicial de tipo Milton vuestra madre, una doble hillbilly, el programa *Que necesitas?* En octubre de 1945, impulsado por el éxito de su amigo Dorival Caymmi, Trindade va a Río de Janeiro para un sueño de carrera como compositor, pero vuelve a ser un comediante, inicialmente en el

¹ Doutor em Ciências da Comunicação (USP, 2002), professor-associado II da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e repórter, redator e roteirista de rádio entre os anos de 1980 e 1996.

Radio Club de Brasil y Radio Mayrink Veiga, donde fue a partir de 1946 hasta su cierre por la dictadura militar en 1965. También, llegando a ser uno de los más grandes cómicos de chanchada Río.

Palabras clave: Zé Trindade, 1915-1990; Radio Sociedad Bahía; Comunicación regional

O comediante, poeta e compositor Zé Trindade (Milton da Silva Bittencourt, 1915-1990) foi um dos principais nomes da chanchada carioca, principalmente entre os anos de 1956 e 1961, período em que protagonizou vários sucessos para a produtora Herbert Richers, como *O camelô da rua Larga*, *Marido de mulher boa* e *Entre de gaiato*, entre outros. Paralelamente à sua carreira cinematográfica, iniciada em 1946, ele também foi um nome de destaque nos programas humorísticos das rádios Mayrink Veiga, Clube do Brasil e Nacional, todas do Rio de Janeiro. Um aspecto menos conhecido da biografia dele é que Trindade, antes de se tornar um artista nacionalmente conhecido, fez parte do elenco da quarta mais antiga emissora de rádio do País, a Rádio Sociedade da Bahia, PRA-4, entre os anos de 1935 e 1945. A seguir, pretendemos elaborar uma pequena memória de sua passagem pelos microfones baianos, como uma contribuição para uma futura história do rádio na Bahia.

Zé Trindade começa sua carreira artística em 1935, aos 20 anos de idade, na Rádio Sociedade da Bahia (Passeio Público, Salvador), atuando em pequenos quadros, como em *Aborada*, um dramalhão, em que ele faz o papel de um tuberculoso. Como consequência, passa a ter um programa diário, das 7 às 9 horas, por oito anos consecutivos. Aos domingos, apresenta um programa com canções antigas: *Antigamente era assim*. Em 1937, Trindade adiciona ao seu sucesso um item de prestígio por suas participações no programa *Teatro nos ares*, uma cópia de *Teatro pelos ares*, lançado em 15 de abril daquele ano no Rio de Janeiro pela Rádio Mayrink Veiga. Um dia, falta um dos radioatores da PRA-4, e Trindade estreia nessa ocupação. A peça chamava-se *A bebedeira*, e obviamente o protagonista era um bêbado, interpretação que Trindade sempre recordou com uma de suas melhores e a mais importante para o deslançamento de sua carreira artística ainda em Salvador.

Sobre a decisiva entrada em cena de Trindade na peça radiofônica *A bebedeira*, um colunista do *Diário de Notícias*, que se assinava “Dial”, na seção “Radiomania”, assim se expressou: “Estão de parabéns os radio-ouvintes da Bahia. A nossa transmissora [PRA-4] acertou. A dupla escolhida, que, ontem, atuou no radioteatro, agra-

dou plenamente. Foi uma auspiciosa estreia. Milton Bitencourt e Jacy Torres apresentaram um programa capaz de satisfazer ao mais exigente espectador”. De passagem, o comentarista critica a emissora: “A Rádio Sociedade poderá apresentar, de agora em diante, um programa organizado. Os dois artistas demonstraram possuir recursos: voz boa, agradável, com ‘it’, dicção regular, capaz de melhorar com o estudo”.

Na mesma coluna acima citada, Dial comenta *Remorso*, o segundo programa de Trindade e Jacy: “O espetáculo de ontem não foi uma perfeição. O defeito é, em grande parte, deste último *sketch*, muito bonito, porém com defeitos de técnica, trechos muito grandes”. Esse jornalista, de modo pró-ativo, como se diz hoje, dá alguns conselhos aos estreantes: “Eles não devem abandonar o ensaio, principalmente a educação da voz. No radioteatro, ela é tudo. Ela deve dar ao ouvinte uma noção perfeita do tema da peça. Dela o artista deve tirar todos os recursos para representação”. Dial é enfático com relação a detalhes pré-apresentação como esse: “Daí a necessidade de um cuidadoso ensaio, um estudo completo do papel, tendo em conta a situação do personagem, o meio em que ele atua, o seu caráter”.

Ao final do texto, intitulado “Synthonizando” (*sic*), Dial volta a elogiar os protagonistas do programa *Teatro nos ares* da Rádio Sociedade da Bahia: “Milton e Jacy tem qualidades. O tempo, a prática e o estudo desenvolverão estas qualidades. Isto esperamos e desejamos. Wilfrid Ferreira [diretor da PRA-4] pode dormir sossegado. O povo baiano terá, na única transmissora, um radioteatro satisfatório”. E esse colunista, finalizando apostando no futuro: “Dentro em breve, segundo desejo, possuiremos um elenco capaz de representar comédias e dramas. Com três bons elementos já contamos: Milton, [Gabriel] Castilho e Jacy”.

Parecia que Trindade estava no caminho certo, pois, no ano seguinte, a Rádio Transmissora (Rio de Janeiro) iniciaria o seu sucesso com o programa *Teatro Leopoldo Fróis*, que tornou famosa a sua principal atriz, Olga Navarro. Em 1938, a também carioca Rádio Clube do Brasil copiaria a fórmula com *Rádio-teatro*. O citado programa baiano era bastante similar ao carioca, mas ele poderia ter se inspirado em muitos outros do mesmo formato, que estavam sendo irradiados, tanto no Rio de Janeiro (*Teatro em casa*, *Teatro Tupi*, *Teatro da Cinelândia*, *Ribalta do espaço* ou *Teatro Sherlock*) como em São Paulo: *Teatro para você*, *Radioteatro relâmpago*, *Teatro de brinquedo*, *Mistérios no ar*, *Teatro Cruzeiro do Sul* ou *Teatro gracioso*). Talvez o nome mais apropriado para esse formato fosse aquele do *Radioteatro relâmpago*, pois tratava-se de esquetes cômicos,

como no teatro de revista, ou peças de um ato com, no máximo, 15 minutos de duração.

A PRA-4, nessa ocasião, tinha como concorrentes, em todo o Estado, apenas as rádios Club (*sic*) da Bahia (PRF-6) e Comercial da Bahia (PRF-8).

Milton Sua Mãe

Trindade, àquela época do *Teatro nos ares* da Rádio Sociedade, era conhecido apenas por Milton Sua Mãe, formando uma dupla caipira com Chico Fulô (Leoni Cerqueira), parte de um programa cujo roteiro continha, além de cantigas sertanejas, quadros de interesse público, contendo informações úteis relativas à higiene, legislação trabalhista, entre outras coisas. Milton Sua Mãe concorria naquela mesma emissora com outros cômicos, como o cantor e compositor Gordurinha. E ainda: ele produzia e apresentava o programa *Antigamente era assim*. Na PRA-4, Trindade veio a ser colega também do cantor e locutor Antônio Maltez, pessoa que lhe havia sido apresentada há muitos anos por Caymmi com a indicação de que aquele poderia pôr melodia nos seus versos.

Antigamente era assim ganhou uma boa crítica desde a sua estreia como se comprova desse fragmento de uma coluna sobre rádio no *Diário de Notícias* de Salvador: “Ouvimos – e conosco os radio-ouvintes, um novo programa de modinhas da Bahia antiga, irradiado à noite de domingo último. Saudosas e belas modas de outra”. No entanto, esse comentarista também tem queixas: “Infelizmente, houve excesso de anúncios. Se não fosse impertinência, sugeriríamos um horário mais amplo para uma maior delícia dos radio-ouvintes da estação do Passeio Público”. Mas ele também dá sugestões: “Por que não se organiza, para a noite de hoje ou de amanhã, um programa de músicas velhagens de fino sabor poético, inclusive coisas de ranchos e ternos, apropriadamente escritas?”

Em nota do mesmo *Diário de Notícias*, um outro observador anônimo também saúda aquele programa de Trindade por ser um “rememorador das velhas modinhas tradicionais da Bahia”, mas não deixa de veicular o seu juízo de gosto: “Não se faz educação popular com sambas mais ou menos apimentados; realiza-se educação popular com músicas de seleção, escolhidas com o cuidado de pedagogos de bom senso”. Para ele, bons valores não estão nos sambas: “Depois que riqueza de poesia naquelas antigas canções de nossos, hoje, quase olvidados trovadores! Que pureza de sentimentos e que músicas ricas de harmonias aquelas!”

O fato é que Zé Trindade, aos 20 anos de idade, não era mais apenas uma mão-de-obra não-qualificada e

já pode se dizer ator - ou rádio-ator, conforme o preconceito artístico daquela época - ao pertencer ao elenco da Rádio Sociedade da Bahia, a PRA-4. Até então, a sua vida tinha sido muito dura. Ele nascera, no dia 18 de março de 1915 em Salvador, já participando de um autêntico enredo de melodrama sentimental: o seu pai, Heitor de Souza Bittencourt, pertencente a uma família tradicional, havia deixado de herdar uma fortuna ao se casar com a sua mãe, Esther da Silva. Até os 11anos de idade, ele se considerava o menino mais pobre do mundo: “Nem na Etiópia, teve igual. Eu era alimentado com mingau de café com farinha”, costumava destacar em várias entrevistas. Em 1927, aos 12 anos, Milton viu-se obrigado a enfrentar aquilo de que a maioria de suas personagens na chanchada carioca mais fugiam: o batente. Empregasse como *bell-boy* e ascensorista no hotel Meridional. Nos tempos de minoridade naquele hotel, por sinal, arte, para o adolescente Milton, era a literatura. E havia motivos fortes para aquele pensamento: “Na Bahia, todos os pais acham que os filhos têm que ser um Ruy Barbosa. Me habituei a ler tudo. Leio desde os nove anos”, dizia frequentemente em entrevistas.

Ao tempo em que se torna um artista popular, Milton Bittencourt passa a usar, a partir de 1935, o pseudônimo Zé Trindade, retirado de um livro de cordel, para não chocar os seus parentes ricos, especialmente uma tia, com quem vivia - e que o tratava como escravo -, e que não sabia ele que possuía programa em rádio. No ano anterior à estreia relatada acima, um amigo de Trindade, Dorival Caymmi, de 21 anos, que frequentava o cassino do hotel em que ele trabalhara, ainda menor de idade, passa a ter um programa semanal em outra emissora, a extinta Rádio Clube da Bahia, com um título, que seria fortemente associado ao perfil musical dele: “Caymmi e suas canções praieiras”. Esse músico havia se aproximado de Trindade quando este teve um poema seu musicado por um parceiro dele, Antônio Maltez. O ano em que Trindade se torna radialista é marcado também pela primeira grande leva de locutores e radioatores em direção ao Rio de Janeiro. “O radio local viveu um período dos mais críticos e até a Rádio Sociedade enfrentou dificuldades de toda a ordem” (FERREIRA, 2009, p.34).

A programação da Rádio Sociedade da Bahia à época em que Trindade lá ingressou não dava nenhum espaço para o seu já conhecido talento de piadista: conferências, boletins de meteorologia, assuntos gerais e notícias marítimas (chegada e saída de navios do porto de Salvador) e cotação do cacau, entre outras informações. Isso tudo compunha o chamado *Quarto de hora*, ou seja apenas 15 minutos de irradiação e apenas três vezes

por semana: das 17 às 21 horas. Foi nesse programete que Caymmi, após passar o ano de 1934 na Rádio Clube, marcou o ano de 1935. Além de *Quarto de hora*, música, muita música. Com o passar do tempo, mais programas foram sendo criados na emissora citada acima, os quais deram uma pequena vazão aos cantores locais. Em janeiro de 1936, a PRA-4 passa a ter um novo transmissor e torna-se uma sociedade anônima, e não mais um “clube” como outras pioneiras de todo o País.

A aproximação de Trindade com Caymmi e Jorge Amado fazia parte de uma estratégia. Ele sempre procurava andar com pessoas que considerava de melhor posição e de melhor condição financeira do que a dele, como Arthur de Salles (autor da letra do “Hino ao Senhor do Bonfim”). “Eles eram universitários, filhos de fazendeiros. Eram meus amigos, mas eu não saía com eles; eles é que saíam comigo. Com 13 anos, eu já frequentava cabarés e tinha amantes”, revelava. Foi através de Caymmi que Trindade tomou conhecimento do livro *Conservai a mocidade*, de Victor Pauchet, publicado em 1937 no Brasil, e que era muito curioso. Uma parte dessa “Bíblia da saúde” era dedicada à disciplina na digestão - “Mastiga tudo, mesmo os mingaus e o leite” -, ao exercício da força de vontade - “A boca é o único órgão digestivo sob o domínio da vontade” - às dietas simplificadas - “Carne pouca, pouco chocolate, pouco chá, pouco café, pouco vinho” - e outra a “lições para o espírito” - “A repetição dos atos forma o hábito, o hábito forma o caráter, o caráter forma o destino”.

O fato é que, em primeiro de abril de 1938, Caymmi iria se afastar por um bom tempo de Trindade, ao embarcar no navio Itapé rumo ao Rio de Janeiro para fazer o preparatório para o curso de Direito. Ainda bem que esse cantor e compositor tinha oficialmente viajado para se preparar para a universidade porque, até então, vigorava na Bahia uma lei curiosa: em 1924, para coibir a forte migração de baianos para a região sudeste do país, o governo do Estado havia criado um imposto de 10 cruzeiros (moeda da época) sobre cada passagem de terceira classe (a preferida pelos retirantes) vendida para fora da Bahia. Um dos fatores atrativos exercidos sobre os migrantes eram as vagas oferecidas na construção de ferrovias na zona noroeste de São Paulo, polo do café, a partir de 1910.

A medida coercitiva acima mencionada era uma resposta principalmente ao governo paulista, que, entre 1934 e 1937, assegurava passagens, a partir de Pirapora ou de Montes Claros, e diárias àqueles que quisessem se transferir para a sua lavoura. O ano de 1937 lamentavelmente marca ainda o fechamento de duas emissoras de

Salvador. A primeira delas a sair do ar, em novembro, foi a Rádio Club da Bahia, motivada por um dispositivo implantado no Estado Novo, limitando o funcionamento de apenas duas emissoras na cidade do Salvador. No mês seguinte, dificuldades financeiras encerraram o funcionamento da única concorrente da PRA-4, a Rádio Comercial da Bahia (PRF-8).

Curiosamente o ano em que Caymmi passa a morar no Rio de Janeiro, 1938, tem sido considerado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como aquele que, além de sinalizar o início de novo surto industrial no país, começa a marcar a chegada de migrantes nortistas e nordestinos no Rio de Janeiro e em São Paulo, fugindo das secas e do desemprego também associado a elas. Naquele ano, quase 20 mil baianos emigram para São Paulo. No ano anterior, esse número era de 17.138 pessoas. Já em 1940, o recenseamento acusa a presença de 153.311 baianos no Estado paulista. Esse dado ajudava a compor os quase 69 por cento de imigrantes nacionais localizados entre 1930 e 1939 em São Paulo. Por outro lado, em 1950, a imprensa carioca denunciava o tráfico de flagelados das regiões citadas que eram vendidos por caminhoneiros a latifundiários do Rio de Janeiro e São Paulo.

O fato é que, de Salvador, Trindade, além de acompanhar o imediato sucesso que Caymmi faria, no Rio de Janeiro, poderia ir constatando, no repertório do melhor da música popular brasileira, como os sambistas, principalmente, estavam assimilando a novidade tecnológica que o rádio era.

O maior sucesso de público inicial de Trindade no rádio baiano vem com a criação, a partir de 1938, da dupla Zé Trindade-Chico (às vezes, grafado Xico) Fulô (Leoni Siqueira), que protagonizava o programa diário *Você precisa?*, das 7h30 às 9 horas na PRA-4. O colunista R.O.C., do *Diário de Notícias*, ao destacar a utilidade social da Rádio Sociedade da Bahia, escreve: “Leoni Siqueira tem uma bagagem copiosa de anedotas e piadas sempre à mão. O Milton Bittencourt, apesar de mais moço, também possui grande dose de arranjos hilariantes, muitas vezes, criações suas, pois, para tanto, não lhe falta talento”. Uma parte, digamos, interativa do programa consistia da leitura de charadas e “decifrações”, enviadas de todo o Estado. Ainda em 1938, a PRA-4 lança a *Hora dos calouros*, seguindo moda ditada no Rio de Janeiro.

A dupla da gargalhada

Foi tamanho o sucesso do programa *Você precisa?*, que “acordava a cidade”, que os seus protagonistas

formaram um duo caipira – “A dupla da gargalhada” – com apresentações em teatros, cinemas e clubes de Salvador e do interior, como Cinema Santo Amaro. Nesse último espaço, um dos cartazes do evento chamava a atenção do público para o fato de que ele seria “logo depois da novena” e que seria seguido por um “esplêndido *film*”, além de indicar indiretamente o patrocinador da função: “Este espetáculo é em homenagem ao Dr. Gentil Barbosa, M.D. Prefeito desta tradicional e pitoresca cidade, distintas famílias e ao comércio em geral”. Muitos anos depois, já famoso também no cinema, Trindade retomaria a cultura sertaneja nas composições que gravava para as festas juninas.

De certa forma, *Você precisa?*, da “Dupla da gargalhada”, era tributário daquele que é considerado o primeiro programa humorístico do rádio brasileiro e que tinha apenas cinco minutos de duração: *Manezinho e Quintanilha*, conduzido por Artur de Oliveira e Salu de Carvalho. Segundo Renato Murce (1976), essa dupla conversava animadamente por cerca de uns três minutos, tendo como mote algumas velhas anedotas. O tempo restante era dedicado à publicidade de uma pasta dental. Esse radialista reconhece a influência dessa criação no seu *Rádio Miscelânea*: música, esquetes, poesia, piadas e sátiras. Por outro lado, o sucesso do humorístico *Manezinho e Quintanilha* certamente deve ter contribuído para que, a partir do final dos anos 1930, vários redatores e comediantes comessem a ter uma maior popularidade.

Por sinal, a presença de um pronome de tratamento no título do programa acima citado, denotando uma comunicação direta com o ouvinte, é um índice poderoso daquilo que, a partir dos anos 1940, já se costumava discutir em torno de uma especificidade da linguagem radiofônica. Uma prova disso é que Mário de Andrade (1944,p.98), em um texto de 1940, sobre a “língua radiofônica”, observa a disseminação do você como “fórmula de tratamento radiofônico”, ao lado da expressão “Amigo ouvinte”, a qual ele atribui ser originária dos púlpitos, como uma consequência da busca de uma “linguagem mista, completa” e de “um sabor todo especial”. Em seu entendimento, isso refletia uma estratégia no sentido de se obter um maior público, de “todas as classes”, fora as exigências de se provocar uma simpatia, uma familiaridade.

Em termos locais, pode-se aventar a hipótese de que, em 1939, mais precisamente no mês de abril, uma grande notícia para Trindade tenha sido a inauguração da Rodovia Rio-Bahia (inicialmente, BR-393; depois, BR-116), a primeira estrada brasileira de longo percurso e também a primeira via efetiva de integração

nacional. Boa notícia também deve ter sido para dezenas de milhares de baianos desempregados ou desiludidos com o mercado de trabalho regional. Por ela, passariam durante décadas aqueles aqueles caminhões que transportavam dezenas de pessoas precariamente em suas carrocerias, os famosos paus-de-arara, por todo o Nordeste. Com o tempo o apelido desse meio de transporte regional passou a ser veículo de preconceitos e estigmas, denominando o imigrante pobre nortista ou nordestino no então Sul Maravilha.

O fato é que, em 1940, bem dentro do período que se considera como a “época de ouro do rádio brasileiro”, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), organismo supraministerial, havia proibido nada menos do que 108 programas radiofônicos. Um dado que deve ter posto o comediante Zé Trindade com o bigodinho de molho. Nessa mesma data, com apenas cinco anos de Rádio Sociedade da Bahia, Trindade já deixa a entender a algumas pessoas que não se contenta com o meio artístico regional. Prova disso é que o matutino *Estado da Bahia* (Diários Associados), em edição de maio, na seção “Nossos compositores”, indiscretamente revela: “Milton Bittencourt, o nosso popular Zé Trindade, brevemente deixará a ‘boa terra’ em busca de outros ares...”. Ele já sonhava com a Capital Federal, porém se ele tivesse pensando na capital paulista, lá encontraria talvez muitos, mas muitos conterrâneos, pois mais da metade dos 45.886 imigrantes nacionais chegados à Sampa em 1940 era constituída por baianos.

Ainda naquele ano de 1940 no mesmo diário *Estado da Bahia*, Trindade havia sido elogiado por ser “um dinâmico batalhador pelo radio bahiano (*sic*), autor de várias produções de sucesso”, sendo transcrita a letra da sua toada “Boiadeiro”: “Boiadeiro ê...ê.../Boiadeiro ê...a.../Boiadeiro que tange a boiada/que vive perdida no meio da estrada./Boiadeiro, boiadeiro/sua vida me consola./Você tangendo a boiada/Eu, as cordas da viola./Boiadeiro, boiadeiro/nossa vida é um horror/você atrás da boiada/eu, atrás do meu amor”.

Ainda em 1941, mais precisamente no dia 2 de setembro, acontece um fato de forte repercussão no mercado de trabalho artístico de Salvador: um grupo de empresários cria uma sociedade anônima com o objetivo de fundar outra emissora de rádio na capital baiana. No ano seguinte, em 5 de junho, a citada sociedade vê atingido o seu objetivo: o governo federal, através do decreto 9.603, autoriza a instalação da Rádio Excelsior da Bahia, que viria a ser a mais forte concorrente da PRA-4 por mais de três décadas.

O fato é que os meados dos anos 1940 pareciam ser uma época propícia para se estabelecer mais

uma emissora de rádio em Salvador diante da necessidade de se obter mais informações sobre a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, que, até então, não havia entrado diretamente na vida dos brasileiros. Em dezembro de 1941, Getúlio Vargas já havia dado sinais de uma virtual participação ao falar de um perigo de agressão. Em 28 de janeiro de 1942, o governo brasileiro rompe relações com a Alemanha, Itália e Japão.

Trindade participou do “esforço de guerra”, fazendo apresentações do seu *Show da alegria* para os soldados aquartelados em Salvador com destino à base aérea dos Aliados em Natal. Essa iniciativa foi realçada por Paulo Diamantino, em sua coluna “Rádio”, do *Diário de Notícias* (Salvador): “Todo o mundo e toda a gente contribuem, direta ou indiretamente, cá na frente interna, para a vitória dos povos amantes da liberdade [...] São uns verdadeiros combatentes da frente interna, que merecem toda a admiração dos filhos do Brasil”.

Trindade escritor

Aproveitando-se talvez da popularidade conseguida com os seus programas na potente Rádio Sociedade da Bahia (onda de 450m,660 kilociclos e 50 watts na antena), Trindade lança, nos primeiros meses de 1942, o seu primeiro livro: *Buraco de fechadura* (Salvador, Imprensa Vitória). Trata-se de uma reunião de anedotas, “ditos de espírito” e pequenos contos humorísticos, a qual esgotou sua tiragem em apenas um mês. Sobre essa publicação, uma nota não-assinada no vespertino baiano *Diário de Notícias* também é pródiga em elogios: “É um desses livros, que, embora sem o cunho da originalidade, interessam vivamente pelo gosto e esmero que presidem a sua confecção”. E mais: “Zé Trindade, mais uma vez, provou a sua veia humorística, sabendo ordenar em livro os motivos de riso que tanto o fazem querido através das ondas hertzianas”.

O colunista Guima, também do *Diário de Notícias*, assim resenha breve e minuciosamente *Buraco de fechadura* nos seguintes aspectos: a) edição, redação e estilo: “As anedotas foram muito bem escolhidas e muito bem apresentadas. A parte descritiva não cansa o leitor. Zé Trindade soube desenvolver os pequenos termos de maneira a interessar o leitor, que não pode conter uma gargalhada pelo imprevisto dos desfechos”; b) organização: “Além das anedotas, vale notar o número de perguntas, as cartas de acordo com a profissão do signatário, as comparações, etc.”; c) portabilidade: “Um livro leve, portátil, que se pode ler no bonde”; d) objetivo principal: “Um livro para desopilar. Para provocar o esquecimento das coisas reais, sempre desengraçadas” (*sic*); e) aspectos

editorais: “Zé Trindade apresenta o seu trabalho em bonita confecção gráfica, aliás modestamente”; f) estratégia de *marketing*: “Trindade preparou-o sem alardes, sem cartazes berrantes, sem leituras prévias. Nunca pegou amigo algum para melhorar uma página no café, o que seria melhor que certos versos...pelo seu programa, apenas na rádio local, avisava o próximo aparecimento do livro”.

Possivelmente a boa recepção ao livro *Buraco de fechadura* fez com que Trindade lançasse ainda em 1942 outra publicação: *Black-out*. Esse título se aproveita de uma palavra composta muito em voga na época, pois se referia à suspensão de iluminação à noite durante vários meses em todo o País como uma das estratégias para impedir o bombardeamento de nossas cidades pelos países do Eixo. O colunista O.B.S., do matutino *Estado da Bahia*, mesmo sem ter lido esse lançamento, associou-o com o clima vivido em todo o Brasil após a sua declaração de guerra aos países do Eixo: “Nesse momento de preocupações, momento terrível para a vida de todos, os humoristas são os homens mais necessários. Somente eles podem pôr um pouco de alegria na tragédia que vivemos”. Após citar o escritor francês Balzac - “Fazer rir é o melhor benefício que se pode fazer à humanidade” -, ele se derrama em lirismo: “Quando acumulamos uma porção de aborrecimentos, quando tudo em torno de nós se acinzentava, e nuvens negras escurecem o nosso céu, nada existe de melhor, para alívio da nossa tristeza, do que uma página de um desses fabricantes de riso”.

Fato importante no mercado de comunicação da Bahia em 1943 foi o jornalista paraibano Assis Chateaubriand ter adquirido o vespertino soteropolitano *Diário de Notícias*, o qual, associado à Rádio Sociedade, tornava-se um ramo local do conglomerado Emissoras e Diários Associados. Assim, Trindade ganhava compulsoriamente, e sem fazer qualquer esforço, uma mídia impressa para a divulgação de seus programas radiofônicos, excursões, livros e canções juninas e carnavalescas. Mesmo assim, ele já manifestava sinais de insatisfação com o mercado local, pensando em se estabelecer no Rio de Janeiro, não como comediante, mas como compositor. No dia 25 de julho de 1943, entrava no ar um dos programas mais queridos da PRA-4 pelo público baiano em todos os tempos: *A hora da criança*, uma criação do jornalista Adroaldo Ribeiro Costa (autor da letra do *Hino do Esporte Clube Bahia*). Em períodos diferentes, foram presenças regulares desse programa as irmãs Cynara e Cybele (fundadoras do Quarteto em Cy) e Gilberto Gil.

Assim é que, entre os anos de 1943 e 1945, comecem a tomar forma em Salvador os boatos de que Trindade em breve iria para o Rio de Janeiro tentar me-

lhores condições de vida. Desse modo, qualquer ausência dele um pouco prolongada dos programas da PRA-4 era encarada como um sinal de que ele já partira. Um bom exemplo disso é essa reclamação, não-assinada, na coluna “Diário no rádio” (*Diário de Notícias*, 2 de maio de 1944), pelo fato de *Antigamente era assim* ter a sua irradiação interrompida sem qualquer aviso: “Será lamentável se o aplaudido programa não tiver ação de continuidade. Depois de se haver firmado no conceito público, é justo que permaneça, mormente numa fase em que a direção da PRA-4 procura realizar todo o possível para a ascensão do rádio baiano”. E conclui a coluna, desafiando: “*Antigamente era assim* é uma realização que enaltece o rádio local pela sua organização e sentido evocativo. Não é justo que desapareça. Com a palavra, Milton Bittencourt”.

No mês seguinte à cobrança da coluna “Diário no rádio”, mais precisamente a partir de 21 de junho de 1944, a PRA-4 passa a ter uma concorrente no ar. Naquele dia, era inaugurada a Rádio Excelsior da Bahia com a presença do principal locutor-apresentador da Rádio Nacional naquela época, César de Alencar, irradiando um show. Na verdade, foram vários shows durante uma semana, agora em outros palcos: aqueles dos cinemas Excelsior (Praça da Sé) e Pax. Se Zé Trindade tivesse ficado tentado a mudar de estação talvez enfrentasse alguma dificuldade. O responsável pela nova concorrente era o frade franciscano Hildebrando Kruthalp. Nesse ano de 1944, enquanto o mercado de trabalho para radialistas na Bahia se resumia a dois patrões, o número de emissoras espalhadas por todo o País chegava a 106, passando para 111 no seguinte e pulando para 136 emissoras em 1946.

Rumo à Capital Federal

No ano de 1945, Trindade assistiria com orgulho o regresso à capital da Bahia de 300 expedicionários, que haviam combatido nos campos da Itália, numa guerra, que, entre outras coisas, havia sido o motivo da criação da sua série *Show de alegria*. Ainda naquele ano, esse comico soteropolitano toma uma atitude radical: juntamente com a mulher, Cleuza, ele segue para o Rio de Janeiro buscando novas ocupações, deixando a primogênita com parentes em Salvador. Na ausência de um testemunho desse artista baiano sobre o que pesou naquela decisão, pode-se conjecturar, com base em seu sucesso com o radioteatro na PRA-4, que um dos fatores decisivos teria sido a constatação do surgimento, desde 1943, de um fenômeno de audiência: a radionovela. Desde aquela data até 1945, as emissoras cariocas e paulistanas haviam produzido 116 novelas no total de 2.985 capítulos. Usamos

acima o termo audiência uma vez que, em 1942, começara a funcionar na então Capital Federal o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE).

Naquele mesmo ano de 1945, a Rádio Sociedade da Bahia muda de endereço, fato que vai interferir um pouco em suas transmissões de programas. Enquanto estava no Passeio Público, a PRA-4, a exemplo de outras emissoras até o início daquela década, possuía um pequeno auditório, chamado de “aquário”. Isso se devia ao fato de que, entre a plateia e os apresentadores, cantores e músicos, havia uma divisória com vidro transparente. Assim, o público não interferia na captação do som, mas estimulava com expressões faciais e gestos corporais a receptividade ou não do que estava sendo veiculado. Ainda em 1945, a PRA-4 sai do Passeio Público e vai ocupar algumas salas dos Diários Associados na rua Portugal (Cidade Baixa), mas sem auditório. Para um rádio-ator e comediante, como Trindade, aquilo era extremamente desestimulante e talvez isso tenha interferido bastante em seu desejo de migrar.

Vários pesquisadores da história de Salvador têm demonstrado que, durante os primeiros 40 anos do século XX, os índices de crescimento econômico – o “progresso” – da primeira capital do Brasil podem ser considerados como estagnados, se subtraídos deles aquilo que provinha das indústrias de cacau e de tabaco e do comércio interno, refletindo-se inevitavelmente no mercado de trabalho e na migração em direção ao atual Sudeste. Em termos demográficos, os números também são desanimadores: em 1940, a população de Salvador era de 290.443 habitantes, ou seja, o público para uma vez e meia o antigo Estádio do Maracanã. Dez anos depois, esse número saltaria para 417.235 pessoas.

Sorte teve Trindade em arranjar uma ocupação na Rádio Sociedade da Bahia a partir de 1935 porque, a partir dos anos 1920, Salvador contava com poucos estabelecimentos industriais, que eram implantados em grande número na então Capital Federal e em São Paulo. A esse dado acresce-se o fato de que, entre 1940 e 1950, mais de 57 por cento do crescimento populacional da capital baiana seria devido à imigração interna. Ou seja, havia mais gente com tão pouca qualificação profissional, no sentido restrito, como Trindade disputando as mesmas mínguas ocupações no setor comercial. Esses migrantes provinham majoritariamente do Recôncavo baiano e da Região Metropolitana de Salvador. Isso se acentua a partir do início da década de 1940 quando a lavoura da cana-de-açúcar começa a ocupar as terras da pecuária, despejando vaqueiros e pequenos lavradores no mercado de Salvador.

Para aqueles que pretendiam viver ou apenas sobreviver com atividades ditas artísticas, o cenário so-topopolitano era o mais desolador possível, pois a capital baiana era tão somente um entreposto comercial para o próprio Estado, Sergipe, Alagoas e Pernambuco. A grande esperança para uma alavancada na economia baiana somente surgiria no final dos anos 1940 com a abertura dos primeiros poços de petróleo na Região Metropolitana de Salvador (Camaçari, Alagoinhas, Pojuca, subúrbios da “Leste” etc.). Em 1941, quatro poços baianos produziam 230 barris por dia, mas o que faria Trindade em um deles? Ficaria contando piadas? Outra oportunidade de trabalho para ele em Salvador seria no comércio de exportação do cacau, pois havia vários estabelecimentos ingleses na Cidade Baixa. Mas o que faria esse comediante baiano em um emprego cuja maior exigência era a fluência em um idioma (inglês) que ele desconhecia? De passagem, essa nova atividade econômica não resultou obrigatoriamente em investimentos significativos na própria região de produção para não dizer em todo o Estado, como tem mostrado estudos econômicos sobre aquele período: “Os coronéis do cacau preferiam investir os seus lucros na Capital Federal” (COUTO, 2011, p.67).

Quando, em 1945, Trindade e sua esposa, Cleuza, decidem tentar a sorte no Rio de Janeiro, deixando o primogênito de apenas um ano com parentes em Salvador, eles estavam também seguindo uma onda: na década 1940-1950, mais de 100 mil pessoas deixaram a Bahia – que parecia tão maravilhosa nas canções de Caymmi e Ary Barroso – em direção ao atual Sudeste do País. Na década seguinte, esses números passaram a mais de 600 mil migrantes – 11,4 por cento da população baiana. Favoreceu também esse espetacular êxodo a implantação da Rodovia BR-116 (antiga Rio-Bahia), que colocou na mídia nacional o caminhão pau-de-arara.

O fato que, no ano seguinte, à migração de Trindade e esposa com direção ao Rio de Janeiro a estagnação de Salvador e, por extensão de todo o Estado, pode ser evidenciada pelos seguintes dados: *a)* todo o transporte de mercadorias era feito pelo mar devido a uma triste realidade – não havia praticamente estradas indo de Salvador para outras partes do País ou vindo delas; *b)* a ligação terrestre da capital baiana com Feira de Santana, o maior entroncamento rodoviário do Nordeste, era uma trilha de terra batida e fora construída visando o mata-douro municipal no bairro do Retiro (Acesso Norte de Salvador).

Muitos números devem ter pesado fortemente na decisão de Trindade de migrar para a então Capital Federal: havia apenas duas emissoras de rádio na Bahia –

sendo uma delas da Arquidiocese de Salvador, enquanto elas já passavam de uma dezena apenas na cidade do Rio de Janeiro. Além do mais, o Rio de Janeiro tinha mais cassinos, mais teatros de revista e as sedes das gravadoras, pois ele pretendia entrar no mercado de disco como compositor. Com relação ao trabalho em cassinos – experiência que ele tivera no Tabaris (praça Castro Alves), em sua cidade natal –, Trindade ouvira falar muito do Quitandinha, um hotel de lazer em Petrópolis. Se lhe faltassem oportunidades como comediante e ele resolvesse encarar o batente em uma fábrica, havia 4.169 delas apenas no Distrito Federal contra o míngua número de 1.766 em toda a Bahia...

O fato é que, ao sair da Bahia em 1945, Trindade deixou para trás um Estado “pobre, atrasado e ferido por sucessivas interventorias do Estado Novo. Faltava carne na cidade do Salvador. A carestia de vida era enorme. Faltavam escolas, hospitais, estradas de rodagem, portos marítimos e fluviais, navios e estradas de ferro” (TAVARES, 2001, p.460-461). Por outro lado, ainda segundo esse autor, o que havia de mais relevante em termos de geração de renda na Bahia girava em torno do cacau, porém esse insumo proporcionava “mais divisas” ao Brasil do que ao seu Estado produtor. Ou seja, a “Boa terra” cantada nacionalmente por Caymmi, a partir de 1938, não resistiria a um censo.

Para se ter uma ideia aproximada do que a migração de Trindade e esposa, entre outros, sinalizava o *Jornal do Comércio*, de Recife, na reportagem “O tráfico dos nordestinos” (14 set.1952), apontava as principais causas estruturais para o êxodo nordestino: falta de trabalho ou procura de emprego, falta de recursos ou de meios de manutenção elevação do custo de vida, propaganda da remuneração do trabalho em São Paulo e convite de parentes, contraparentes ou ex-vizinhos. Esse último tópico constitui a chamada migração em cadeia, muito comum, por sinal hoje, na migração internacional em que grupos de nacionais se estabelecem em cidades – e em bairros – em que há pessoas de sua cidade ou Estado de origem.

No rastro de Caymmi

Enfim, na primeira semana de outubro de 1945, Zé Trindade faz o mesmo caminho tomado por Caymmi sete anos antes: vai para o Rio de Janeiro. Mesmo caminho de Caymmi é força de expressão. O cantor e compositor fora de navio – “Peguei um Ita no Norte/e fui no Rio morar” – enquanto o comediante e esposa sofreram a bordo de um sacolejante ônibus pela recém

-aberta (1939) Rodovia BR-116. Curiosamente, Trindade não havia decidido se mudar de Salvador para ser um comediante no Rio de Janeiro. Talvez, ele não pudesse ter escolhido melhor período para essa mudança se ele estava procurando, além de um bom emprego, um novo estilo de vida, uma cidade grande, enfim. Naquele ano, encerrava-se um ciclo de importantes reformas urbanísticas daquela que já foi, um dia, a Cidade Maravilhosa.

Por incrível que pareça e com os eternos problemas de direitos autorais no Brasil, Trindade pensara se estabelecer no Rio de Janeiro como mais um colega de Herivelto, Ary Barroso ou Noel Rosa, ou seja, como compositor. Na Bahia, ele havia feito sucesso de execução em rádios com várias canções, como “Perdida”, “Meu romance”, “Alcova de cetim”, “Nego nagô”, “Xangô”, “A cadera da mulata”, “Isto é amor”, “Ai, Maria!” e “Beijando beijos”. Em parceria com Elísio Oliveira, Trindade havia criado as marchinhas carnavalescas “Casebre da felicidade”, “Mariposa da orgia”, “Poema de amor”, “Nunca mais” e “Ninhos de amor”, entre outras. Ainda no ano de sua chegada ao Rio, esse comediante baiano ingressa na Rádio Clube do Brasil e, no ano seguinte, na Mayrink Veiga, mas aí já são outros quinhentos...kilohertzes.

Referências bibliográficas:

- ANDRADE, M. *O empalhador de passarinhos*. São Paulo: Martins, 1944.
- COUTO, E. “A Bahia não se desnacionaliza”. In MOURA, M. (org.) *A larga barra da baía*. Salvador: EDUFBA, 2011, p.56-85.
- FERREIRA, P. *Memória do rádio baiano*. Salvador: edição do autor, 2009.
- MURCE, R. *Bastidores do rádio*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- TAVARES, L.H. *História da Bahia*. São Paulo: EDUNESP, 2001.

Recebido: 06/09/2013

Aprovado: 27/09/2013